

A Abordagem Psicanalítica do Tempo em Laplanche

Anne Santos Stone

Universidade Federal de Minas Gerais - stoneanne@live.com

Fábio Roberto Rodrigues Belo

Universidade Federal de Minas Gerais - fabiobelo76@gmail.com

Resumo

No presente artigo, buscamos apresentar e discutir o trabalho de Jean Laplanche sobre a noção de temporalidade propriamente humana. Para isso, temos como foco seus textos dedicados a essa questão, *Le temps et l'autre* [O tempo e o outro] (1991) e *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [Temporalidade e tradução: por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo] (1989), ambos publicados no livro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992. O movimento teórico de Laplanche vai, primei-

ro, no sentido de revisitar a teoria de Freud sobre a temporalidade. A partir desse retorno, Laplanche apresenta suas próprias elaborações para pensar em uma temporalidade própria do ser humano. Com isso, indicamos que a inserção do sujeito em uma temporalidade só é possível por meio da intervenção do outro da situação originária, responsável por instaurar o início dos processos de tradução psíquica. Isso permite o movimento do sujeito no tempo, através da dinâmica dos processos de tradução, destradição e retradição.

Palavras-chave: temporalidade, tempo, tradução, Laplanche, psicanálise.

The psychoanalytic approach to time in Laplanche

Abstract

In this article, we aim to present and discuss Jean Laplanche's work on the concept of truly human temporality. To achieve this, we focus on his texts dedicated to this topic, namely *Le temps et l'autre* [Time and the other] (1991) and *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [Temporality and translation: for a return to the question of the philosophy of time] (1989), both published in the book *La révolution copernici-*

enne inachevée, from 1992. Laplanche's theoretical approach involves revisiting Freud's theory of temporality. From this return point, Laplanche presents his thoughts and reflections on the subject of the temporality of human beings. Thus, we suggest that the insertion of the subject into its own temporality is only possible through the intervention of the other of the original situation, responsible for establishing the starting point of the transla-

tion processes. According to Laplanche, what enables the subject's movement through time is primarily the dynamics of the translation, detranslation, and retranslation processes.

Keywords: temporality, time, translation, Laplanche, psychoanalysis.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As perguntas que guiam a escrita deste artigo são as seguintes: como se dá a leitura do tempo de Jean Laplanche face às teorias de Freud sobre o assunto? Como ele, a partir das reflexões freudianas, apresenta suas próprias hipóteses sobre o que é o tempo para a psicanálise?

Nesta pesquisa, procuramos mostrar como Laplanche trabalha a noção de tempo em Freud a partir da teoria da sedução generalizada (TSG), tendo como base os textos *Le temps et l'autre* [O tempo e o outro] (1991) e *Temporalité et traduction: pour une remise au travail de la philosophie du temps* [Temporalidade e tradução: por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo] (1989), ambos publicados no livro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992.

Sabemos que são abundantes, dentro da psicanálise, os trabalhos dedicados à temporalidade, embora não pretendamos nos ater a eles. Entretanto, como foi escrito, nosso recorte metodológico visa apresentar reflexões sobre o tempo humano a partir da teoria da sedução generalizada. Começamos por destacar alguns pontos principais para pensar no tempo proposto por Freud a fim de apresentar, em seguida, os comentários de Laplanche sobre o tempo freudiano — movimento de retorno necessário, como veremos, para que Laplanche lance suas próprias hipóteses fundamentais.

1. FREUD, O TEMPO E A ATEMPORALIDADE

Consideramos que a obra de Freud é atravessada pela noção de tempo em diversos aspectos. Mas, ainda assim, a ideia de uma temporalidade não recebeu dele elaborações teóricas pormenorizadas e sistematizadas, se compararmos com o trabalho dedicado a outros termos. É na defesa de uma *atemporalidade* do inconsciente que Freud desenvolve grande parte de sua teoria — e, como veremos, sua noção de tempo surge exatamente como suporte para justificar o funcionamento atemporal do inconsciente.

Desde os textos mais iniciais, como o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), e até mesmo em textos posteriores, como *O início do tratamento* (1913), a ideia de uma atemporalidade inconsciente está presente. Nesses escritos, Freud (1950[1895] /1995; 1913/2010) defende que o sistema inconsciente não funciona a partir de um tempo cronológico, pelo contrário: os processos inconscientes se organizam, segundo ele, de forma independente de uma cronologia, independente de uma concepção precisa e organizada que situa os acontecimentos do passado, do presente e do futuro.

Sobre essa independência de uma organização temporal linear do inconsciente, consideramos ser válido mencionar *O mal-estar na civilização* (1930) para complexificar um pouco mais a nossa discussão inicial. Freud (1930[1929] /2010) descreve, nesse texto, a cidade de Roma — as suas sucessivas construções ao longo do tempo, os seus vestígios, o seu passado desvelado por escavações — como metáfora para o funcionamento do psiquismo. O psiquismo possui essa capacidade de conservação do passado: os resquícios psíquicos, suas marcas e inscrições, continuam a produzir efeitos posteriores sobre a vida psíquica dos sujeitos. Mesmo que, assim como as construções de Roma, o psiquismo possa vir a ser afetado por “interferências destruidoras” (p. 23), a manutenção de tais resquícios do passado é “antes a regra do que a surpreendente exceção” (p. 24).

Já em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud compara o tempo inconsciente ao tempo dos processos conscientes: segundo ele, a atemporalidade só faria sentido se fosse comparada a um tempo perceptivo-consciente (Freud, 1920/2010). Isto torna-se relevante se considerarmos que a concepção de uma atemporalidade inconsciente sustenta, de forma importante, as elaborações teóricas propostas por Freud. Podemos observar essa importância, por exemplo, quando ele sugere que, na experiência terapêutica com o analisando, o analista se comporte “tão ‘atemporalmente’ quanto o inconsciente mesmo, se quiser aprender e alcançar algo” (Freud, 1918[1914] /2010, p. 18).

Tal forma de compreender o funcionamento inconsciente determina, de maneira considerável, não só a compreensão dos processos inconscientes e das suas operações, mas também a dinâmica da própria situação analítica, sendo o inconsciente e a sexualidade o seu material de trabalho por excelência — a sua especificidade, conforme indica Laplanche (1991/1992). Diante de tais aspetos iniciais do tempo dentro da proposta freudiana, partiremos para as principais considerações apresentadas por Laplanche.

2. COMENTÁRIOS DE LAPLANCHE A PARTIR DA NOÇÃO DE TEMPO EM FREUD

Laplanche (1991/1992) destaca que há em Freud uma espécie de divisão no trabalho sobre a temporalidade humana. Segundo ele, existem duas teorias freudianas sobre o tempo: a primeira, que designa teoria *implícita* do tempo, quando Freud trata de um tempo a nível histórico, o que, segundo Laplanche, está ilustrado em *Totem e tabu* (1912–1913); e a segunda, uma teoria *explícita* do tempo cujo delineamento é feito para defender a atemporalidade do inconsciente, conforme introduzimos neste artigo.

É no texto *Nota sobre o “bloco mágico”* (1925) que está presente, de acordo com Laplanche (1991/1992), a maior parte da explicitação freudiana do tempo. Freud (1925/2011) pensa no funcionamento do aparelho Pcp-Cs como análogo a um bloco mágico. Resumidamente, o bloco mágico se trata de um dispositivo que serve para fazer anotações que podem ser facilmente apagadas mediante a renovação da sua superfície, o que possibilita que sejam feitas novas anotações. Entretanto, ao se iluminar adequadamente a superfície do bloco mágico, é possível verificar que os traços anteriormente feitos ainda se mantêm marcados nela, bem menos perceptíveis, demandando uma análise mais minuciosa para serem vistos, embora estejam ali. O bloco mágico, portanto, serve de analogia ao funcionamento do tempo — um tempo perceptivo, diz Freud — característico do sistema Pcp-Cs.

O sistema Pcp-Cs é responsável por acolher as percepções externas: ele recebe os estímulos da exterioridade, mas, por si só, não é capaz de conservar tais percepções de forma duradoura. Os traços considerados duradouros (como as lembranças mais antigas, a memória etc.) são, em teoria, recolhidos pelo sistema inconsciente (Ics), que está situado abaixo, como prolongamento estrutural do sistema Pcp-Cs. Ou seja,

A Abordagem Psicanalítica do Tempo em Laplanche

esses sistemas são, para Freud (1925/2011), “*separados, mas inter-relacionados*” (p. 272); o sistema Pcp-Cs é *permeado* pelo sistema Ics. Para Freud, o Ics possui inervações de investimento que se estendem e recolhem as percepções externas do sistema Pcp-Cs “em breves abalos periódicos” (p. 273). Nesse seguimento,

É como se o inconsciente, através do sistema Pcp-Cs, estendesse para o mundo exterior antenas que fossem rapidamente recolhidas, após lhe haverem experimentado as excitações. Assim, as interrupções que no Bloco Mágico acontecem a partir de fora se dariam pela descontinuidade da corrente de inervação, e no lugar de uma verdadeira suspensão do contato haveria, em minha hipótese, a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. *Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs estaria na origem da ideia de tempo.* (Freud, 1925/2011, p. 274, ênfase acrescentada)

É justamente sobre o aspecto rítmico e descontínuo do aparelho perceptivo (Pcp-Cs) em Freud, de abertura e fechamento periódicos, que Laplanche (1991/1992) tece suas primeiras reflexões no artigo *Le temps et l'autre*. Esboçamos alguns desses comentários a seguir.

O primeiro comentário desenvolvido por Laplanche (1991/1992) parte da seguinte ideia: ligar a *percepção do tempo* a um *funcionamento periódico e rítmico do tempo* seria deduzir a *consciência do tempo* a partir da consciência do funcionamento de um aparelho *sobre* o tempo. Se o tempo linear é derivado de outro tempo, um tempo rítmico, que mescla interrupção e ligação com a exterioridade para se tornar o tempo perceptivo descrito por Freud (1925/2011), essa dedução funcionaria, segundo Laplanche (1991/1992), como uma espécie de duplicidade: não se trata só de uma noção de tempo perceptivo, mas do *tempo do tempo*, isto é, o ritmo.

Para termos consciência do tempo, é preciso que haja esta dobra rítmica: interrupção e conexão, claro e escuro. Laplanche (1991/1992), portanto, está de acordo com Freud (1925/2011) aqui: é o funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs, esse apagar/acender do sistema perceptivo, que torna possível perceber o tempo, nunca plenamente linear, mas sempre rítmico. O tempo linear, conclui-se logicamente, é uma construção posterior, derivada da conexão entre os pedaços descontínuos de tempo.

A novidade trazida por Laplanche (1991/1992) é que a imagem freudiana das antenas ou tentáculos do sistema Pcp-Cs revela o perigo de conceber o mundo consti-

tuído a partir de um sujeito narcísico. A percepção do mundo está ligada à extinção periódica da excitação, ao fechamento rítmico oposto à ação do que é externo. O ser vivo precisa cortar esse excesso de mundo, de percepção, para que possa se constituir.

Nesse ponto de sua argumentação, fica a impressão de um aspecto fundamental a se desenvolver: a íntima relação entre o sexual e o tempo. É possível levantar uma hipótese: o excesso de percepção não diz respeito ao “mundo”, mas, sim, ao sexual, ao excesso de excitação proveniente do outro. É desse excesso que precisamos nos defender [*retranchement*], por assim dizer, na trincheira do não-percebido, cujo paradigma é o sono. Com isso, concluímos que o outro adulto é quem dita o ritmo no início do processo de constituição do sujeito, nos modos a partir dos quais ele intervém.

O segundo comentário que elegemos de Laplanche a respeito dessa noção de tempo na teoria freudiana, é o de que o modelo de tempo perceptivo proposto por Freud (1925/2011) não dá conta de explicar a complexidade do tempo humano, do humano que teoriza sobre o mundo e sobre si mesmo, que auto teoriza e historiciza o si mesmo (Laplanche, 1987/1992). O tempo freudiano proposto a partir do aparelho perceptivo é, segundo Laplanche (1991/1992), profundamente rudimentar e possui aplicabilidade para pensar na noção de tempo em outros seres e organismos muito menos complexos que o ser humano — um tempo que não se aplica, portanto, a seres nos quais opera a complexa dinâmica do psiquismo e da intervenção precoce e radical do outro. Essa espécie de “deslize” mecanicista e biologicista é indicada por Laplanche em diversos momentos da obra freudiana. Não à toa que, segundo Laplanche (1991/1992), a comparação feita por Freud para pensar no aparelho perceptivo gira em torno de pseudópodes e antenas, gira em torno de uma percepção de tempo pouco complexa.

O terceiro comentário que desejamos apresentar — e, talvez, o primordial, se considerarmos as demais elaborações laplancheanas — questiona a centralidade que é colocada sobre o próprio sujeito para explicar não só a constituição e o funcionamento do inconsciente na obra freudiana, mas também a própria noção de tempo: ambos estariam centrados em um sujeito que se constitui a partir de um inconsciente *inato, biológico e instintual* (Laplanche, 1991/1992). Esse movimento de *extravio* daquilo que Laplanche (1992/2016) considera fundamental e indissociável — o inconsciente e a sedução — acaba por tirar de cena a centralidade do outro, a importância do primado do outro sobre a fundação do inconsciente. Há um retorno, em Freud (1925/2011), a uma teoria autocentrada, autoengendrada no próprio sujeito; uma negação, para Laplanche, da “estrangeiridade” do inconsciente.

A Abordagem Psicanalítica do Tempo em Laplanche

A crítica de Laplanche (1991/1992) à concepção de tempo em Freud se dirige, portanto, à imagem de um inconsciente que é “meu próprio fundamento”. Em vez disso, o inconsciente é, primordialmente, um “estrangeiro em mim”. Freud (1925/2011), para Laplanche (1991/1992), parece simplificar excessivamente a noção de tempo, ao colocar o *eu* numa ideia monádica, como centro da experiência do tempo, e situando a exterioridade como algo que se passa além dessa “primeira centralidade”: um inconsciente fechado sobre si mesmo; um inconsciente que, *a priori*, compõe o próprio mundo interior e, uma vez ou outra, reencontra o mundo exterior.

Laplanche (2006/2015) mostra a necessidade de descentralizar o inconsciente: este não mais ligado a uma ideia inata e centralizada de constituição, mas sim à intervenção precoce e radical do inconsciente sexual do outro. Logo, a experiência do tempo em Laplanche (1991/1992) está necessariamente calcada na figura do outro, como discutiremos mais adiante. A esse aspecto originário da constituição psíquica, Laplanche (2006/2015) denomina “Situação Antropológica Fundamental”: o confronto precoce da criança com um mundo adulto que é contaminado por mensagens inconscientes (verbais e não verbais) e que, por isso mesmo, são enigmáticas. É a partir do confronto da situação originária de sedução por parte do adulto, e do processo de recalçamento originário que a ele se segue, que ocorre a fundação do inconsciente da criança (Laplanche, 1987/1992). Segundo nos indica Laplanche (1987/1992), o sujeito não é causa de si mesmo: o sujeito é *impulsionado*.

O originário é algo que transcende o tempo, mas que, ao mesmo tempo, fica ligado ao tempo. Desenvolverei a ideia de uma situação originária que, a meu ver, deve explicar uma intervenção, um surgimento, tanto do inconsciente quanto o da pulsão, ou, então, o do aparelho anímico. (Laplanche, 1987/1992, p. 63)

O contato com a externalidade, então, ocorre entrelaçado à presença do outro da situação originária, que propõe esse movimento periódico, essa presença e ausência, esse apagar e acender da percepção do tempo. Sugerimos que a percepção de uma *continuidade* da existência, a capacidade de historicizar o si mesmo em uma narrativa mais ou menos linear, é um movimento posterior; como indicamos, é uma integração dos fragmentos periódicos do aparelho perceptivo. O que há de estrangeiro, o corpo do outro, estranho ao mundo interno do sujeito (Laplanche, 2006/2015), impregna o psiquismo. Vamos desenvolver os possíveis desdobramentos disso para o que Laplan-

che propõe como uma temporalização propriamente humana. Por ora, deixemos este primeiro indicativo: o tempo, as suas primeiras percepções periódicas, e a posterior organização dessa periodicidade em uma espécie de linearidade consistem em um trabalho que possui uma *base libidinal*. Ou seja, o tempo humano é, antes de tudo, um tempo libidinizado pelo outro.

4. TEMPO DO LUTO: PARADIGMA DA TEMPORALIZAÇÃO HUMANA?

Laplanche (1991/1992) propõe que o confronto do sujeito com a perda, o confronto do sujeito com o luto, pode ser considerado um paradigma, um modelo para pensar sobre o que seria a temporalização humana. Isso porque o luto, segundo Laplanche (1991/1992), coloca a necessidade de trabalho psíquico ao sujeito: um trabalho que exige e convoca lembranças, memórias para além da situação presente, afectando assim a duração de um tempo supostamente linear. Para elaborar tal ideia, Laplanche (1991/1992) utiliza como referência o clássico texto de Freud, *Luto e melancolia*, produzido em 1915 e publicado em 1917.

Nesse texto, Freud (1917[1915] /2010) se propõe a diferenciar o luto da melancolia. O luto é compreendido como uma reação não-patológica à perda de um objeto de investimento, uma perda que dependerá de um certo lapso de tempo para que possa se configurar uma espécie de “recuperação” do sujeito enlutado. O que é necessário que se realize durante esse “lapso de tempo”, pensando a partir de Freud? O luto demanda do sujeito um complexo tempo psíquico, porque prolonga a presença do objeto perdido por meio de lembranças, pela via de um sobreinvestimento nesse objeto. Espera-se que tal sobreinvestimento no objeto perdido possa, gradualmente, ser *desligado* pelo sujeito enlutado. O objetivo final do luto é, então, para Freud (1915), “o desprendimento definitivo da libido” (Laplanche, 1987/1993, p. 247).

Outro ponto defendido por Freud (1917[1915] /2010) é o de que esse gradual processo de desligamento dos investimentos no objeto perdido, no caso do luto, se passa mais ao lado da consciência, do que do inconsciente. Esse é um dos aspectos que servem, novamente, para diferenciar o luto da melancolia: o luto, portanto, estaria localizado mais próximo dos processos conscientes, já que, segundo Freud (1917[1915] /2010), o sujeito possuiria *consciência do objeto perdido*, enquanto a perda do objeto na melancolia, ou, mais especificamente, *aquilo que se perdeu do objeto* no sujeito melancólico, seria um conflito que se passaria, necessariamente, a nível inconsciente.

Além dos aspectos citados acima, outro aspecto que, para Freud (1917[1915] /2010), não está presente no luto, mas que, caso se fizesse presente, denotaria ao luto um caráter patológico, é o conflito de ambivalência, de amor e ódio, em relação ao objeto perdido. O conflito de ambivalência para com o objeto é, em Freud (1917[1915] /2010), situado mais ao lado da melancolia, portanto, assumindo características de um adoecimento psíquico. Soma-se a essa ambivalência, presente no sujeito melancólico, a complexidade de um jogo de identificação narcísica com o objeto perdido.

Diante das elaborações de Freud (1917[1915] /2010) para diferenciar o processo de luto da melancolia, Laplanche (1991/1992) faz a seguinte provocação: como seria possível pensar em um luto que não seja minado pelo inconsciente do sujeito, e que não produza — ou que não revele — ambivalência em relação ao objeto perdido, e, mais do que isso, que não acarrete em algum nível de identificação narcísica com o objeto? A fórmula freudiana que vincula o luto ao lado da consciência, distante das implicações da ambivalência, distante do jogo de identificação narcísica, parece demasiadamente simples para Laplanche (1991/1992). O trabalho de luto, e a temporalidade que se vincula a ele, exige um trabalho mais complexo: situado mais ao lado do inconsciente e, logo, dando a centralidade não mais ao sujeito enlutado, mas, sim, à presença do outro, à alteridade que impulsionou a fundação do próprio inconsciente, como veremos.

Neste ponto de nossa discussão, vale a pena mencionar o texto freudiano *A transitoriedade*, também produzido em 1915 e publicado em 1916, pois ele vai na mesma direção à qual Laplanche (1991/1992) nos convida. No texto em questão, Freud (1916[1915] /2010) está atento a um aspecto fundamental do processo de luto, aspecto que também é defendido por Laplanche (1991/1992): que o luto não ocorre de maneira “automática” e muito menos natural. Freud (1916[1915] /2010) compreende o luto como um “enigma”, como um processo que está muito além de um mero jogo de perda e substituição do objeto perdido. Para ele, é difícil compreender o quão doloroso pode ser não só a perda propriamente dita do objeto, mas também o luto diante da *possibilidade* de perda do objeto, diante da transitoriedade do objeto.

A partir dessa discussão, articulando Freud (1916[1915] /2010) a Laplanche (1991/1992), podemos considerar que o luto exige um trabalho que depende das possibilidades psíquicas de cada sujeito, ou seja, um trabalho que está necessariamente enredado em uma trama psíquica singular. A discussão sobre a singularidade do luto leva-nos à singularidade do próprio tempo. Como no texto de Freud, cada participante da conversa, diante dos destroços da guerra, reage de um modo distinto. O luto,

como trabalho *dinâmico* entre o antes, o agora e o depois, também é um trabalho de temporalização singular. Diante da perda, alguns sujeitos ficam como que suspensos no tempo. Outros, no entanto, conseguem isolar o acontecido para abrir espaço rumo ao novo, produzindo o futuro. Essa tarefa, insistimos com Laplanche (1991/1992), depende totalmente da relação do sujeito com sua alteridade interna. E é essa hipótese que desenvolveremos a seguir.

5. O MITO DE PENÉLOPE COMO METÁFORA AO TRABALHO DO LUTO

Para pensar em tal complexidade sobre a noção de luto em psicanálise, Laplanche (1991/1992) utiliza como metáfora a passagem de Penélope, personagem da *Odisseia* de Homero. Penélope, esposa de Ulisses, espera que seu marido volte da Guerra de Troia. Após anos de espera, e sem receber qualquer notícia de Ulisses, seu pai insiste para que ela se case novamente, tentando arranjar para ela um novo pretendente. Penélope, na esperança de manter sua espera por Ulisses, responde ao pai que só se casará novamente com outro pretendente quando terminar de tecer um grande manto. Sua estratégia, então, passa a ser a de, pacientemente, tecer o manto durante o dia e, à noite, desmanchá-lo, para voltar a tecê-lo no dia seguinte, tornando seu trabalho (praticamente) interminável.

O processo de tessitura de Penélope é, para Laplanche (1991/1992), uma metáfora para pensar sobre o processo de luto, não só como a estratégia de uma esposa que deseja esperar por seu marido e despistar os novos pretendentes, mas também, e principalmente, como metáfora ao modo do *trabalho de luto*. Para realizar sua tessitura, Laplanche (1991/1992) aponta, era necessário que Penélope posicionasse os fios, organizasse-os em um tear e exercesse sobre eles um *trabalho* durante o dia, para, enfim, desmanchá-lo durante a noite, para poder novamente, no dia seguinte, tecê-los de outra forma. O que Laplanche (1991/1992) parece indicar com essa metáfora? Que Penélope, ao contrário do que propõe Freud (1917[1915] /2010), não “desliga”, não rompe e nem se desfaz dos fios de investimento que se vinculam à figura de seu esposo. Ulisses enquanto objeto perdido: ela desfaz e refaz uma nova trama, a partir dos fios dos quais dispõe. Laplanche (1991/1992) acrescenta ainda que Penélope, com seus fios, os desenrola pacientemente para poder recompô-los de outra maneira. Esse trabalho adicional é noturno, *longe da clareza consciente com que Freud afirma que se quebra os fios um a um*. Este trabalho requer tempo, é repetitivo.

Laplanche (1991/1992) aponta, então, para esse trabalho de luto, que não se passa a nível consciente, como proposto por Freud (1917[1915] /2010), mas, sim, a nível inconsciente — um trabalho que é marcado pela repetição, como diz Laplanche (1991/1992). Entretanto, espera-se que, em algum momento, a nova tessitura se torne um pouco mais duradoura, que demande cada vez menos trabalho. Ademais, salientamos que esse trabalho sobre a trama necessariamente está relacionado àquilo que é originário nos sujeitos. Os fios que permitem esse *remontar*, que dão condições para que ocorra esse movimento de *retercer*, provêm daquilo que é próprio do humano: a alteridade. Ou seja, está em jogo a presença das mensagens provenientes do outro, implantadas no psicossoma da criança desde a situação originária, e cujo resto não traduzido vai para o inconsciente, que se engendra no luto do objeto perdido.

O processo de luto, portanto, possui uma relação evidente com a perda do objeto. Mas, o que Laplanche (1991/1992) aponta é que a situação do luto não se limita à perda *por si só*; a perda, necessariamente, remonta à história de vida, à trama psíquica do sujeito enlutado, que, como mostraremos a seguir, não envolve somente o outro perdido, mas também o outro da situação originária. Diante disso, concluímos que é necessário um superinvestimento no objeto perdido, mas não no sentido de realizar esse gradual desligamento dos investimentos, como foi proposto por Freud (1917[1915] /2010). É preciso sobreinvestir no sentido de realizar um modo de meditação, um *trabalho meditativo sobre a perda* (Laplanche, 1991/1992). Isso porque a perda coloca radicalmente o sujeito diante da necessidade de um trabalho que envolve considerar a ausência do ente perdido, mas também reorganizar-se perante a ausência do objeto perdido com os fios que se integram na sua memória e sua história de vida.

Parece que Laplanche (1991/1992) indica novamente a importância de pensarmos mais próximos da demanda de um *trabalho psíquico*, da necessidade de que o sujeito em luto possa se *reorganizar* narcisicamente, incorporando a perda na tentativa de, a partir disso, poder projetar novas possibilidades de existência: traduzir, destraduzir e retraduzir. E é nesse ponto que Laplanche (1991/1992) sugere uma semelhança entre o trabalho de luto e o processo analítico, pois ambos convocam um trabalho, uma reorganização por parte do sujeito. Entretanto, o processo analítico, para Laplanche (1991/1992), é considerado “mais profundo”, pois utiliza um método específico que se propõe, exatamente, a tentar desfazer traduções excessivamente sintomáticas e produzir novas retraduições, talvez, menos sintomáticas.

Conforme vimos, o luto possui suas especificidades, assim como possui o proces-

so analítico. Mas a semelhança entre ambos parece nos mostrar que há *algo de próprio do humano* nesse movimento de tradução, destradição e retradição (Laplanche, 1991/1992). Esse movimento, conforme elucidaremos no tópico a seguir, parece ser a tarefa — no sentido de uma *exigência* de trabalho psíquico — à qual todo sujeito, diante de um outro, está submetido, desde os momentos iniciais.

6. TRADUÇÃO, DESTRAÇÃO E RETRAÇÃO EM SUA EQUIVALÊNCIA COM O PROCESSO DE TEMPORALIZAÇÃO

A cena que propomos para refletir mais atentamente sobre o tempo humano é a cena de um adulto diante de um recém-nascido. Tal cena, em Laplanche (2006/2015), é duplamente assimétrica: em primeiro lugar, assimétrica porque o adulto veicula ao recém-nascido, através de seus investimentos e cuidados, mensagens comprometidas, contaminadas, por seu inconsciente sexual e que, por isso mesmo, são enigmáticas. Em segundo lugar, a assimetria é do adulto em relação a si mesmo, em relação a seu próprio inconsciente, o que se deve ao facto de que seu inconsciente também é marcado e constituído por uma alteridade radical e que é transmitido ao recém-nascido para além do seu controle. Ou seja, a situação de passividade da criança diante do adulto reativa a situação de passividade que, outrora, o próprio adulto já viveu (Laplanche, 2006/2015).

Levamos em conta, então, que é o sexual do adulto que ocupa lugar de primazia nessa cena e que o recém-nascido possui uma abertura absoluta em relação a essa estrangeiridade do adulto (Laplanche, 1992/2016). Quais as consequências disso para pensarmos no tempo humano? Retomando nossas considerações sobre os momentos iniciais de vida, e pensando junto com Laplanche (1987/1992) e a teoria da sedução generalizada, o outro adulto da cena descrita é a presença necessária para que, gradualmente, a criança possa se constituir psiquicamente. O outro adulto e sua sexualidade inconsciente, como mencionamos, têm primazia e centralidade na constituição psíquica de todos os sujeitos. Mas também — e essa será, mais especificamente, a proposta de Laplanche para pensarmos no tempo humano — a presença do outro é fundamental para que o sujeito possa vir a se integrar em relação ao tempo, a experimentar o tempo e o seu movimento, a experimentar o que compreendemos como uma capacidade de temporalização humana (Laplanche, 1989/1992a). Ou seja, a presença do outro é, ao mesmo tempo, excitante e continente para a criança.

Isso porque Laplanche (1987/1992) propõe a ideia de que o processo tradutivo e destrutivo é impulsionado pelo outro adulto, desde e a partir dos cuidados iniciais. Mas, paralelamente a isso, o processo de tradução e destruição em Laplanche (1991/1992) é pensado como a entrada do sujeito no movimento do tempo, aspecto que será tratado com mais atenção em seguida. Ou seja, os investimentos iniciais do outro adulto, e a conseqüente transmissão de mensagens que vão no sentido adulto-criança, lançam o *infans* em direção a um primeiro “a traduzir”. A tradução é a porta de entrada do sujeito no movimento do tempo, diz-nos Laplanche (1991/1992). Chegamos à ideia de que, sem a intervenção do outro, não é possível que haja a inscrição ou o ingresso em uma temporalidade humana.

Quando falamos de um primeiro “a traduzir”, somos remetidos ao que Laplanche (1991/1992) considera como sendo a *base do processo de temporalização*: o inconsciente. Como apontamos anteriormente, o adulto que investe nos cuidados de uma criança está transmitindo, inconscientemente, toda uma complexidade de mensagens. Essa situação de assimetria na relação adulto-*infans* acaba por impelir a criança ao processo de tradução. Com isso, compreendemos que o início do processo tradutivo se dá, então, diante de uma *necessidade* de tradução. Como consideramos que se dá esse movimento, ainda tendo como suporte a teoria laplancheana?

Como vimos, o adulto transmite a mensagem enigmática (comprometida por sua própria sexualidade inconsciente), facto que exige da criança um primeiro momento de tentativa de tradução. A criança, no entanto, não detém qualquer recurso para traduzir essas mensagens, o que faz com que as tentativas de tradução sejam fracasadas, falhas, deixando restos que não puderam ser traduzidos e que são recalcados (Laplanche, 1987/1992). Consideramos esse processo de recalçamento dos restos não traduzidos e não metabolizados como um primeiro tempo do recalçamento, o recalçamento originário, cenário que acaba por fundar o inconsciente (Laplanche, 1987/1992).

A atuação do recalçamento originário, todavia, caracteriza apenas o que Laplanche (1987/1992, p. 139) designa um “momento primeiro e fundante de um processo que dura a vida toda”. Isso implica dizer que a proposta tradutiva de Laplanche não deve ser compreendida como uma espécie de aquisição progressiva das capacidades tradutivas, a tal ponto que a tradução possa vir a ser completa e bem-sucedida. A essência da mensagem veiculada pelo outro é ser *enigmática* e, portanto, sempre deixará algum resto que não pôde ser traduzido e deve ser, como foi escrito atrás, recalçado.

Diante do necessário fracasso nas primeiras tentativas de tradução e da gradual aquisição de alguns recursos tradutivos (que são códigos próprios não só do meio intrafamiliar, mas também do meio cultural, transmitidos pela figura do adulto), a criança pode realizar melhores traduções para os enigmas que foram transmitidos pelo próprio adulto. Com isso, consideramos que o inconsciente representa para o sujeito uma fonte inesgotável de demanda de uma melhor tradução (Laplanche, 1991/1992). Isso porque o inconsciente nunca poderá ser traduzido perfeitamente, nem mesmo em sua totalidade.

Com isso, depreendemos que o movimento de temporalização humana, o movimento de tradução, destradição e retradição (Laplanche, 1991/1992), será necessário durante toda a existência. Como discutimos, o sujeito é, desde a sua origem, colocado num lugar em que é necessário se movimentar no sentido de reinventar e reinvestir a vida psíquica (Laplanche, 1987/1992). Retomando a metáfora de Penélope, a tessitura será feita e refeita incessantemente, de forma mais ou menos duradoura, mais ou menos sintomática. Para pensarmos nesse aspecto, serve-nos novamente de exemplo a situação analítica que consiste, para Laplanche (1987/1992), em desfazer, destraduzir uma tradução já existente — e talvez sintomática — para encontrar uma melhor tradução, talvez menos sintomática, que produza, assim, menos sofrimento.

O que entendemos como parte fundamental da cura analítica, ainda pensando junto com Laplanche (1991/1992), é o contato com algo que marca de forma fundamental a vivência humana: a possibilidade de temporalização das experiências — a capacidade de se temporalizar, queremos dizer, temporalizar a si mesmo, diante das experiências. O que diz respeito a uma temporalidade da cura na situação de análise encontra ressonâncias e desdobramentos, portanto, no que há de próprio na temporalidade humana (Laplanche, 1991/1992).

O sujeito se projeta para o futuro, segundo Laplanche (1991/1992), porque ele não só teoriza sobre o mundo, mas também auto teoriza, se traduz a si mesmo, especialmente se pensarmos em situações que o convocam para esse trabalho — situações como a análise e o luto, como referimos anteriormente. Laplanche (1991/1992) diz que essas situações podem funcionar como possibilidade de questionar as presentes traduções, destraduzi-las à medida que o sujeito remonta e retoma o passado. Esse trabalho é o que pode permitir a operação de melhores traduções em cima do passado. Laplanche (1987/1992, p. 64) lembra-nos que “todo *movimento* consiste em reabitar, ou, se quisermos, reinvestir a vida psíquica no seu conjunto por motivações sexuais em grande parte inconscientes”.

A partir de tais aspectos, podemos pensar que o movimento de temporalização não é, para Laplanche (1991/1992), compreendido a partir de uma unilateralidade da flecha do tempo, que vai no sentido passado-presente-futuro, mas, sim, a partir de uma inversão nessa flecha do tempo unilateral. Consideramos, com Laplanche (1991/1992), que o tempo funciona dentro dessa “flecha do tempo invertida”, que se apresenta como *presente-passado-futuro*. Nessa forma de compreender o movimento do tempo, há a pressuposição de *algo* que já foi integrado pelo sujeito através dos processos tradutivos. Há, portanto, a pressuposição de que o tempo humano só pode ser experienciado após a interferência do outro. Concluimos que a experiência do tempo não é, portanto, individual e privada, se pensarmos a partir do modelo proposto por Laplanche (1991/1992).

Como vimos, o tempo laplancheano é considerado um movimento que foi, em um primeiro momento, impulsionado. Impulsionado pelo outro da situação originária, que instaura o que Laplanche (1991/1992, p. 331) chama de um “a traduzir primordial”, que é o inconsciente. Espera-se que, gradualmente, as novas traduções feitas pelo sujeito venham a cobrir esse arcaico “a traduzir” (Laplanche, 1991/1992). Cobrir, no entanto, não deve ser entendido como sinônimo de esgotar a demanda de tradução proveniente do inconsciente.

Se pensamos, retomando a citação de Laplanche (1987/1992, p. 63), que “o originário é algo que transcende o tempo, mas que, ao mesmo tempo, fica ligado ao tempo”, somos levados à conclusão de que o *tempo propriamente humano*, ou seja, o tempo na análise, o tempo do luto, não respeita e não se adequa a um tempo lógico. Quando falamos de um tempo humano, estamos falando, portanto, de um tempo elaborativo, que envolve o tecer e destecer de uma trama psíquica. Sendo assim, inferimos que, a esse tempo humano, não cabem as tentativas de enquadramento a um tempo cronológico, apesar de entendermos, como foi escrito antes, que ambos podem estabelecer íntima relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos organizar as principais contribuições de Laplanche para a reflexão sobre o tempo, tendo como foco os movimentos teóricos que foram desenvolvidos principalmente em dois textos do livro *La révolution copernicienne inachevée*. Ao longo de nossa explanação, mostramos que as elaborações feitas por La-

planche para a discussão sobre a temporalidade humana partem daquilo que Freud elaborou sobre o tempo. Indicamos que é na advertência que Laplanche (1991/1992) faz a Freud que fica evidente sua principal linha de raciocínio: o *eu* não pode ser considerado o centro da experiência temporal. É o outro da situação originária quem se “encarrega”, inconscientemente, de impulsionar o recém-nascido para o que ele chamou de uma *temporalidade propriamente humana*.

Laplanche (1991/1992) articula fortemente a noção de temporalidade à experiência psíquica da tradução-destrução-retradução, tomando o luto como modelo paradigmático. A temporalidade humana, assim como o luto, se articula à relação intrínseca entre o *eu* e o outro da situação originária. Com isso, concluímos que esse é o movimento copernicano de Laplanche: trazer o tempo para a experiência libidinal do sujeito.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Júnior, Trad.). Imago. (Trabalho original produzido em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 247–252). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 161–239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13–160). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1914 e publicado em 1918).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 170–194). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). O início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 163–192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

A Abordagem Psicanalítica do Tempo em Laplanche

- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13–123). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1929 e publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). Nota sobre o “bloco mágico”. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 267–274). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Laplanche, J. (1992). Le temps et l'autre [O tempo e o outro]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 359–384). Aubier. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992a). Débat à propos de « *Temporalité et traduction* » [Debate acerca de “*Temporalidade e tradução*”]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 337–354). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1992b). Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporalidade e tradução : por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 317–336). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1993). *Problemáticas: Vol. 5. A tina: a transcendência da transferência* (P. Neves, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000–2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trans.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2006).
- Laplanche, J. (2016). A revolução copernicana inacabada (M. Deweik & M. L. C. Costa, Trans.). *Percurso*, (56/57). http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1212&ori=edicao (Trabalho original publicado em 1992).